



A Oração de São Miguel

A nossa luta é contra o inferno

A nossa luta não é contra os poderes deste mundo, mas contra as forças do inferno, nem são homens o que combatemos, mas os espíritos malignos espalhados pelos ares. Não têm eles o poder de coagir nossa vontade, mas podem incliná-la de mil modos ao pecado. Não podem obrigar-nos a pecar, mas a isso nos tentam sem descanso.

Nesta luta, em que só sai vencedor quem se humilha diante de Deus para lhe pedir graça e perdão, contamos com o auxílio dos santos anjos, prontos para derramar sobre nós, se assim o quisermos, incontáveis benefícios de corpo e de alma. É esta admirável união entre os fiéis que ainda vivem na terra e a milícia celeste contra os poderes do inferno o tema da quinta aula do nosso curso sobre *A Oração de São Miguel*!

[imprimir](#)

Quem conhece a lenta, mas constante derrocada da cultura cristã, que se vem acentuando dos últimos séculos para cá, não pode deixar de ver nas *ideologias* modernas um dos principais carros-chefes postos em marcha pelo demônio em sua luta contra a Igreja de Cristo. É fato que, além das ideologias, muitos outros fatores como a política, a economia etc. entram em jogo e permitem explicar, em parte, as mudanças profundas por que tem passado a sociedade, que de eminentemente católica há pouco menos de um milênio se tornou, em pouquíssimo tempo, algo quiçá pior do que fora em seu remoto passado pré-cristão.

Não há dúvida, porém, de que a principal batalha que a Igreja vem travando é no *campo das ideias*, muitas delas inconciliáveis com sua doutrina, “surgidas das trevas para a ruína e a devastação, seja do que é sagrado, seja do que é público” (Pio IX, Encíclica “*Qui pluribus*”, de 9 nov. 1846: DH 2783). De um lado, o Evangelho de Cristo, com sua mensagem divina, com seus preceitos exigentes, mas sublimes, com seus auxílios sobrenaturais; de outro, os erros de cada tempo, com suas falsas promessas de liberdade, meras continuações da mentira da serpente infernal.

Mas esta batalha, se é da Igreja como um todo, nem por isso deixa de ser da *cada um de nós*, que ainda militamos na terra. Pois nem os bem-aventurados do céu, que já triunfam na glória, nem as almas do Purgatório, que esperam, seguras da salvação, sua entrada definitiva na pátria celeste, têm mais por que lutar: para eles, a batalha acabou, porque dela já saíram vitoriosos. Somos nós, cristãos de cada geração, de ambos os sexos e de todas as

[Suporte](#)

MENU



consigo para o abismo, como “prêmio” de seus esforços diabólicos. Porque não têm os anjos malignos, condenados às penas eternas, outra ocupação além de tentar os homens, a fim de levar o maior número deles possível para o inferno, e para isto eles se podem servir dos mais diferentes meios, *espírituais* (tentações, obsessões, possessões etc.) e *materiais* (circunstâncias políticas, econômicas, cooperação de homens maus etc.).

Ora, se é esta a finalidade dos anjos malignos, não é nenhum exagero dizer que quando um homem se confessa, recobrando assim a justiça que havia perdido por causa do pecado, o inferno recebe o pior golpe de todos. Um única absolvição no confessionário é para Satanás a mais dura, a mais insuportável, a mais terrível humilhação, muito pior do que, por exemplo, um exorcismo bem sucedido: este, embora livre o possessor da ação demoníaca, não lhe garante o estado de graça, ao passo que a absolvição sacramental livra o pecador do reato da condenação eterna: com ela, são frustrados os planos do diabo, e se lhe escapa das mãos mais uma alma preciosa.

Vejamos, porém, em que consiste propriamente esta batalha de que cristão nenhum se pode eximir. Em primeiro lugar, é preciso ter bem claro que a intimidade do nosso coração e a nossa vontade são como uma fortaleza impenetrável, à qual ninguém, além de Deus, tem acesso direto. Eis por que demônio algum, por poderoso que seja, nos pode obrigar a pecar; nem o próprio diabo tem o condão de nos dobrar a vontade, fazendo-nos optar pelo mal. Todo pecado é, por definição, *voluntário*, e se é o pecado o que nos leva para o inferno, é forçoso concluir que somos *nós*, primária e principalmente, que nos condenamos, porque somente nós, com um ato livre e consciente, podemos *querer* pecar e *de fato* pecar.

A única coisa que está ao alcance dos anjos maus é nos tentar, solicitar, seduzir, atrair com mentiras, apresentando-nos sob a aparência de bens os males mais repugnantes. Eles podem, é verdade, agir em certa medida sobre as nossas potências interiores (imaginação e memória) e exteriores (os cinco sentidos externos), mas é sobretudo nas *ideias* que eles preferem atuar. Com isso, repetimos, não têm eles o poder de *coagir* nossa vontade, que sempre permanece livre, mas somente de *incliná-la* ao pecado, na medida em que logram enganar o nosso entendimento, isto é, induzindo-nos a julgar como desejável o que nos é apresentado falsamente como tal, e incitando-nos a cometer, por nossa própria escolha, o pecado a que nos conduzem.

Eis por que a Sagrada Escritura chama ao demônio *pai da mentira*: é nele, em última instância, que têm origem as falsas ideias, os maus valores, os princípios errados, as máximas depravadas, tudo aquilo que, numa palavra, pode afastar o homem da verdade e, por

MENU



imoralidades em que vivem tantas e tantas almas hoje em dia seria impossível sem as falsas ideias que, por um ou outro meio, o demônio conseguiu espalhar pelo mundo, como o homem inimigo que, no calar da noite, mistura a cizânia em meio ao trigo bom.

E o que, no fim das contas, São Miguel tem a ver com tudo isso? A ele coube, segundo o testemunho da Escritura, a missão de chefiar os anjos que nos assistem em nossa batalha espiritual contra Satanás. Apesar de pertencer à hierarquia dos anjos inferiores, que estão em contato imediato conosco, São Miguel foi elevado por graça e ministério à condição de cabeça de todos eles, e é por isso que recebe o título de *príncipe da milícia celeste*, detentor de um verdadeiro primado à frente dos exércitos de Deus. E essa autoridade, lembremos, ele não conquistou por outro motivo senão por sua profundíssima humildade: *Quem como Deus?*

Pois bem, se Deus o pôs à frente das milícias dos anjos, arcanjos e principados, ter devoção a São Miguel significa ter acesso privilegiado ao comandante do exército, é poder falar e recorrer diretamente a quem mais poder, autoridade e visão recebeu para nos fazer sair triunfantes da batalha. É verdade que Deus o poderia fazer por si mesmo: como Senhor e governador do universo, não tem necessidade de coisa alguma; no entanto, segundo a sapientíssima disposição de seu divino governo, Ele quer servir-se de suas criaturas como causas segundas e ministeriais, que dele dependem em todas as suas ações, mas que podem, sim, ajudar-nos de forma próxima e imediata.

De que modo, porém, nos podemos colocar sob a proteção dos anjos *bons*? O princípio aqui é o mesmo: por terem em comum com demônios a mesma *natureza* angélica, com suas limitações constitutivas, os anjos bons não têm acesso aos nossos pensamentos mais íntimos (a não ser que lhes manifestemos livremente) nem podem coagir nossa vontade; podem, contudo, influenciar nossa inteligência, sobretudo quando lhes damos permissão dócil e expressa. Se nos pusermos sob o campo benfazejo de sua influência, terão eles o poder de nos apresentar por diversos meios os verdadeiros bens, que, uma vez apreendidos pelo nosso entendimento, ou lembrados pela memória, ou concebidos na imaginação, moverão nossa vontade a realmente querê-los e buscá-los. Desta forma, os anjos bons nos são de grande ajuda e estímulo no exercício das virtudes, sobretudo da maior e principal delas, que é a caridade.

E dado que a inteligência angélica em muito excede a nossa, de tão curtas vistas, é inquestionável que pôr-se sob a influência do nosso anjo custódio, que sabe muito melhor do que nós que mais nos convém para a nossa salvação, equivale de certo modo a *potencializar o próprio entendimento*. É, por assim dizer, como se os anjos bons, excitando frequentemente em nossas almas pensamentos santos, inspirando-nos conselhos salutares, nos ajudassem a ver

MENU



que *nada poder ser querido por ela sem ser antes conhecido pela inteligência.*

Ora, que os anjos da guarda derramem sobre nós inumeráveis benefícios, é algo que se vê com ainda maior clareza se consideramos que, além do que foi dito, eles também:

1. Defendem-nos constantemente de um multidão de perigos, tanto físicos como espirituais.
2. Impedem que os demônios nos façam todo o mal que gostariam de fazer.
3. Inquietam-nos se estamos em pecado, estimulando-nos a detestar nossas culpas e nos dispendo à graça do arrependimento.
4. Ajudam-nos a perseverar e crescer na graça santificante, se estamos em amizade com Deus, ajudando-nos a encontrar mais gosto nas coisas divinas.
5. Oferecem a Deus nossas orações e imploram para nós o auxílio divino.
6. Assistem-nos de maneira particularíssima na hora da morte, quando deles mais precisamos.
7. Consolam-nos no Purgatório e estarão ao nosso lado eternamente no céu como anjos, não mais da guarda, mas correinantes [1].

Por isso, a Igreja crê que, ao rezarmos aos santos anjos, nos pomos realmente sob a sua proteção e auxílio. Do mesmo modo, invocando a São Miguel Arcanjo, colocamo-nos de fato sob o seu patrocínio especialíssimo, que consiste antes de tudo em nos fazer enxergar o quão pequenos e necessitados somos de Deus, para que com ele possamos dizer: *Quem como Deus?* Porque ele, sendo humilde, foi feito príncipe da milícia celeste; e, pela virtude que recebeu, noo há-de conduzir à mesma humildade, que é o penhor dos que um dia chegam a reinar no céu.

É importante ter em mente, por último, que a orações feitas aos santos anjos, seja ao nosso anjo da guarda, seja a São Miguel ou a outros dos santos arcanjos, não são “fórmulas mágicas”, uma espécie de sortilégio que basta recitar, sem atenção nem devoção, para conseguir assim toda sorte de benefícios. A oração cristã não é magia, mas súplica e confiança, um apelo que deve brotar de uma alma humilde e confiante, que se sabe sob o cuidado de Deus, que nos adotou como filhos, e de todas as criaturas angélicas que Ele com tanta bondade pôs ao nosso dispor, como amigos e auxiliares. Estas orações, como a de São Miguel Arcanjo, são também um convite que a Igreja faz a que nos abramos às verdades de fé nelas contidas e que, por elas

MENU



Referências

1. Cf. Pe. Antonio Royo Marín, *Dios y su obra*. Madrid: BAc, 1963, pp. 412-413, n. 415.

Recomendações

- [Textos compilados para o curso sobre Leão XIII e a Oração a São Miguel Arcanjo \(.pdf\)](#);
- [Textos compilados para o curso sobre Leão XIII e a Oração a São Miguel Arcanjo \(.doc\)](#).

Material para Download

- [Áudio da aula \(Formato .mp3\)](#)

Junte-se a nós!

Receba novos artigos, vídeos e lançamentos de cursos diretamente em seu e-mail.

Nome

E-mail

MINHA CONTA

Entrar
Meus dados
Meus cursos
Minha assinatura

SOBRE O SITE

Nossa missão
Padre Paulo Ricardo
Política de privacidade
Termos de uso
Fale conosco

CURSOS

Espiritualidade
Teologia
Família
História
Mariologia
Cultura e sociedade
Sagradas Escrituras

PROGRAMAS

Homilias
Pregações
A Resposta Católica
Programa ao vivo
Conselhos Paternos
Direção Espiritual

REDES SOCIAIS

Youtube
Facebook
Instagram
Twitter

MENU

